

VEXAME

AOS QUATRO INSECTOS
favandijas , que mais perseguem o
Individuo humano.

QUE SAÕ

PULGAS, PIOLHOS,
PERSEVEJOS, E MOSQUITOS.

ROMANCE.

EU quero hoje contar,
Para divertir o vulgo,
Os motivos porque vélo,
A causa porque não durmo.

Quando na cama me deito
Para descansar o vulto,
Acho quatro inimigos,
Que entraõ commigo a furo.

a

O Mos.

O Mosquito , o Persevejo ,
A Pulga , e o Piolho astuto ,
Supposto que impertinentes ,
São os meus quatro adjuntos.

Das Musas a mais piolhosa ,
He que neste canto busco ,
E ao mais pobre Apollo chamo ,
Que eu a todo o Sol me espulgo.

Venha o Mosquito a juizo ,
Ladrao subtil , e abelhudo ;
Seja o primeiro , porque ando
Picado com elle ha muito.

Flauta de todos os diabos ,
E diabolico canudo ,
Que os ouvidos me atormentas
Com teu infernal suslurro.

E a graça he que se enfada ,
Se eu ao seu canto não durmo ;
Porque guincha com mais força
Quando da orelha o sacudo.

Por mais que rodéla faço
Do lançol , com que me cubro ,
Não basta , que aquelle estoque
Passa o colete mais duro.

Eu sempre alecrim lhe queimo ,
Mas que importa , se aos seus fumos
Superao os altos voos
Deste nada perniagudo !

Este invisivel morcego ,
 E voador sanguisugo ;
 Nunca vista Passarola ,
 E impalpavel Avechucho.

Este Musico de orelha ,
 Falcete em arias diffulo ,
 A quem eu faço o compasso
 A bofetadas , e a murros.

Esta praga , que do Egypto
 Se estendeo por todo o mundo ,
 Sendo em summa , tudo nada ,
 He o que me chupa o summo.

Mas dos mosquitos humanos
 Livre Deos os noslos vultos ;
 Que a quem achao mais coberto
 Chupao com mayor impulso.

Ora o ladrao Persevejo
 Seja dos quatro o segundo ,
 Que bem podia ser quinto ,
 No que mata de importuno.

He matador , e he ladrao
 A hum tempo nos seus absurdos ;
 Que nao so me rouba o somno ,
 Mas tambem me prega hum chuso.

Se eu na forza de dous dedos
 O aperto , ou o dependuro ,
 Ao tempo que mais me fede ,
 Tambem me cheira a defunto.

Quando vê que vou sobre elle,
 Depois de encher o bandulho,
 Corre este diabo negro
 Mais do que hum cavallo ruço !

Para defender-me delle
 Com toda a roupa me embrulho,
 E por não morrer de abafó,
 Algumas vezes lhe fujo.

E quando o ladraõ me apanha,
 Ou por somno, ou por descuido,
 Descoberto hum meyo braço,
 Dá-me estocadas de punho.

He tão defavergonhado
 Em seus affaltos, e insultos,
 Que se atreve ao Rey ao Papa,
 Ao Cardeal, e ao Nuncio.

Das Freiras, e das Senhoras
 Nenhum leito está seguro;
 Se até entra em hum páo santo
 Este animado caruncho.

Eu devo de ter bom fangue,
 Pois vejo que o porco immundo
 Do meu he que faz chouriços,
 E tal, que me mette engulhos.

Destes ha aqui ladroens limpos,
 Porém ha outros tão çujos,
 Que tendo em roubos fobejos,
 Por fobejos os empurro.

O terceiro favandija
 He tambem ladrao astuto ;
 Por quem eu dou ao Piolho ;
 E ás vezes o diffimulo.

Mas se ao pescoço se lança
 Do vizinho , entao acudo ,
 E dizendo com licença ,
 No chaõ de hum sopro o derrubo.

Huma escolastica palha
 Lhe chamaõ lá nos estudos ,
 Porque sabe muita letra ,
 Porém eu , palha de burro.

Palha , que ronda , e capêa ,
 He de quadrilheiro junco ,
 Que busca o calção dos pobres ,
 E tira o sangue dos justos.

Eu só por só naõ lhe hey medo ,
 Que o coço , como costume ;
 Mas se com gente me apanha ,
 Entao por força o aturo.

Sou certamente o seu alvo ,
 Pois me investe resolutto ,
 Vendo-me roupa lavada ;
 Que naõ gosta de basculhos.

Outros lhe chamaõ Fidalgo ,
 Só porque morre a pés juntos ;
 E eu o vi dar carreiras ,
 Buscando á vida refugios.

Com

Com pobres mais se accomoda ,
Onde come a menos custo ;
Mas se com pobres se mette ,
Naõ he Figalço , he impuro.

Quando se retira ao mato
De louro, castanho, e escuro ,
As montarias de hum pente
Lhe faço muito a miudo.

E se acaço da cabeça
Me cahe nas unhas o bruto ,
Como he capital o crime ,
Alli logo á morte o julgo.

E pois que ha em outro sexo ,
Por casaf, e por monturos ,
Tambem savandijas ladras ;
Venha a Pulga aqui de pulo.

Esta velhaca buscana ,
Como ladraõ dissoluto ,
Se mette pelos meus quartos
A comer nos meus prezuntos.

Como vê nos seus affaltos
A fraqueza dos meus muros ,
Trépa, e no ouvido me entra ,
Que faõ mil tambores juntos.

Porèm , como me ensinaraõ
Que a lançaße fóra a cuspos ,
Sahe , mas acaba de estouro ,
Tal , que o póde ouvir hum surdo.

E até

E até busca a favandija
De huma Dama o subterfugio,
Penetrando dez mil préguas
Até chegar ao cothurno.

E se as apanha na Igreja,
Então come mais seguro ;
Porque as impede a coçar-se
Aquelle grande reduto.

Porém lá tem seu desconto
Nessas farturas, e he justo,
Ja que busca aquelle baso,
Que soffra a mulher do bufo.

Tão amiga he de vestidos,
Que para seu gosto, ou uso,
Se vale de forros velhos,
Para cahir em veludos.

Naõ só em lançoos se deita
De linho, brancos, e fuscos ;
Mas tambem se estende a Hollanda ;
E póde saltar a Hamburgo.

Estes são os favandijas,
Que na cama fazem dar pulos,
E da natureza humana
São diabolicos gurgulhos.

Esta praga, que nos persegue,
Sim tira o somno a muitos ;
Mas peyores são aquelles,
Que tiraõ o sangue do vulto.

Os ladroens , e as favandijas
Tem os mesmos attributos,
Que como o dinheiro he sangue,
Elles o tiraõ enxuto.

Mas delles se me não dá ,
E tambem delles não fujo ,
Pois não só não trago bolça
Porèm sempre ando espurio.

Se me mordem os bichinhos
Coço huns , outros facudo ,
Se he Piolho , o arranho,
Se Persevejo, o basculho.

Se he Pulga póz nos olhos,
Se he Persevejo, unto,
Se Piolho, o paparrás,
Mosquito, de bósta o fumo.

Porèm o melhor remédio
De todos mais opportuno ,
He o trincá-los cos dentes
A quem não causar engulhos.

F I M.

L I S B O A.

Na Offic. de FRANCISCO BORGES DE SOUSA.
Anno de 1763.

Com todas as licenças necessarias,